COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Pequenas Criaturas', de Rubem Fonseca]

Álvaro Cardoso Gomes

Para citar este documento / To cite this document:

Álvaro Cardoso Gomes, "[Recensão crítica a 'Pequenas Criaturas', de Rubem Fonseca]", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 482-483.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Candido como «o marco de sua maturidade intelectual». A escritora fizera outras incursões literárias, mas que rejeitou por considerá-las «imaturas e precipitadas».

Em *Invenção e Memória*, incluíram-se 15 contos inéditos, que reflectem, na sua maior parte, esses anos de imaturidade. Narradora intimista, com uma linguagem límpida e nervosa, Lygia evoca cenários de cidades do interior e estados de espírito da infância, adolescência e juventude, alguns em tom um tanto amargo, outros impregnados de fina ironia, mas sempre com o objectivo de retratar ou «congelar» no tempo um acontecimento passado em família.

Em todos os textos, o leitor é apanhado de surpresa pelo final enigmático, ficando na mão apenas uma semente de meditação ou mesmo de espanto diante da nova situação conhecida. As evocações da contista conseguem quase sempre transmitir uma certa emoção, ao captar o quotidiano e a vida pelos lados mais inesperados.

Em «Que Se Chama Solidão» e «Suicídio na Granja», que abrem o livro, e ainda em «O Menino e o Velho», dá-se o encontro da infância com a morte — um tema recorrente na obra da Autora. No primeiro, a morte de uma empregada em consequência de um aborto mal sucedido; no segundo, o suicídio de um velho fazendeiro que, desgostoso com a vida, se atira ao rio com o bolso cheio de pedras; e no terceiro, o trágico enforcamento de um velho homossexual por um menino de rua na própria casa da vítima.

«Dança com o Anjo» e «Heffman» reproduzem fragmentos do estilo de vida da juventude dourada de uma São Paulo dos anos 50, recordações dos tempos de universitária da contista. Em «Rua Sabará, 400», a escritora rememora a época ainda recente em que viveu com o segundo marido, o ensaísta e crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes, quando ambos aceitaram o convite de um cineasta para escrever um roteiro baseado no romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Em todos estes e nos demais contos que completam o livro, Lygia Fagundes Telles não admite barreiras entre a palavra escrita e a oral. A sua linguagem vem-se desbastando a cada nova experiência, tornando a escrita cada vez mais enxuta e económica, chegando mesmo, por vezes, a dispensar sinais gráficos convencionais, como os travessões para o início da fala das personagens, embutindo as frases do diálogo no texto corrido, à semelhança de José Saramago ou de António Lobo Antunes.

Por isso, os seus textos conquistam o leitor com aquela força extraordinária que se tem renovado a cada livro.

Adelto Gonçalves

RUBEM FONSECA

PEQUENAS CRIATURAS

São Paulo, Companhia das Letras / 2002

Desde o livro de estreia, *Os Prisioneiros* (1963), que Rubem Fonseca vem imprimindo uma marca registada na literatura brasileira actual. Com dezanove títulos publicados, entre contos e romances, notabilizou-se pela ficção avessa aos barroquismos de ocasião e aos apelos poéticos, vazada em linguagem directa, seca, às vezes mesmo brutal. Essas características, aliadas à opção de retratar o submundo dos marginais, determinam o modo de ser das suas narrativas curtas, mais especificamente em livros como *A Coleira do Cão* (1965), *Lúcia McCartney* (1967), *Feliz Ano Novo* (1975), *O Cobrador* (1979). Contudo, em romances como *A Grande Arte* (1983) e *Bufo & Spallanzani* (1986), o escritor procurou expandir esse universo sombrio, mas contido, com enredos surpreendentes e muito mais complexos, sempre recorrendo à linguagem sóbria e objectiva. Rubem Fonseca soube como nenhum outro escritor brasileiro criar uma dicção própria e uma concepção do mundo que de certo modo rema contra a corrente; ou seja, opõe-se à tendência muito comum no Brasil de privilegiar a cor local e os idiolectos, e constrói um universo aparentemente anódino e inexpressivo, numa linguagem desapaixonada e impessoal, permeada pela ironia ou por um humor a raiar o macabro.

Este último livro de contos, *Pequenas Criaturas*, dá continuidade a uma visão desesperançada do homem e a certas soluções estilísticas, onde se plasma o melhor do Autor. Isto porque o lado policialesco, do submundo, da escória dos livros anteriores, cede lugar ao anódino de criaturas comuns, cujos sonhos, vontades, desejos, são de curtíssimo espectro. Se em toda a sua ficção o A. primou pela atmosfera cinzenta, na qual transitavam criaturas movidas pelo ódio e pela crueldade, em *Pequenas Criaturas*, tais características, mediadas pela ironia, tornam-se mais agudas, na medida em que o propósito é retratar um mundo absolutamente desprovido de transcendência. Tal efeito dá-se pela escolha criteriosa das personagens, concebidas como «pequenas criaturas», pela demonstração impiedosa dos seus ridículos sonhos e pelo domínio absoluto dos recursos da linguagem, sobretudo nos diálogos, que habilmente marcam mais os desencontros que os encontros.

Considerando ao acaso algumas das narrativas de *Pequenas Criaturas*, não é difícil verificar a perfeita homologia entre estes «mirmidões» sociais e uma concepção de mundo

rasteira: em «A Escolha», um velho tem de optar entre a dentadura nova e uma cadeira de rodas; em «Ganhar o Jogo», a solução de um miserável para eliminar a distância entre ricos e pobres é assassinar um milionário sem ser descoberto; em «Família É Uma Merda», o grande dilema amoroso do protagonista, um jovem bonito, de família só de gente bonita, consiste em saber se pode ou não casar-se com uma mulher feia; em «As Virtudes Teologais» (observe-se o tom irónico já no título), velhas senhoras aposentadas destroem-se com disputas mesquinhas; em «Caderninho de Notas», um homem colecciona mulheres como se coleccionasse objectos. Numa palavra, nem tanto ao céu, nem tanto à terra — nem heróis movidos por grandes cometimentos nem vilões movidos por grandes actos indignos. Como insectos, reduzidos na sua dimensão humana, as criaturas do livro vivem uma experiência a mais das vezes marcada por desejos de curto espectro que, por isso mesmo, as condenam a um quotidiano sem grandeza. E o pior é que, não tendo qualquer projecto de vida, perdem o sentido de realidade e a consciência de si próprias. O melhor exemplo desta tendência é o assaltante de caixas automáticas que, pertencente a uma família de marginais e criado pelo avô também assaltante, investe sem reflectir na brutalidade da acção criminosa e, por isso mesmo, se condena à saudade e solidão: «Fui visitar o túmulo do meu avô, no São Francisco Xavier. Eu disse que sempre segui os conselhos dele, menos o de não fazer nada armado, não se eu não estivesse armado o cara tinha me matado, um sujeito muito apavorado é perigoso. Pedi perdão a meu avô, porque não ia me encontrar com ele no céu. Sentia muita falta dele, mesmo depois de tanto tempo. Eu morava sozinho, não tinha nenhum amigo, passava o dia vendo televisão e comendo biscoito, triste, com saudade de meu avô.»

Nestas histórias banais, aparentemente sem nenhum charme, aparentemente destituídas de interesse, está na verdade impressa a grande mestria de Rubem Fonseca, que é fazer com que o leitor, talvez sem consciência disso, possa reflectir sobre o género humano e a sua miséria, contemplando miniaturas de gestos e acções que sempre lhe determinaram e determinarão o *quid*. A ambição, o ódio, a ganância, o amor destrutivo, a fixação em fetiches, os desejos brutais, tudo tem lugar neste universo de verdadeiros insectos, servindo talvez para corroborar a emblemática afirmativa do protagonista de «O Bordado», ao resumir a própria vida: «é uma história tola, reconheço. Prosa é isso mesmo, o melhor ficcionista não passa de um bom ventríloquo». Em suma: escritores das mais diferentes gerações repetirão os mesmos temas, alterando apenas a posição dos holofotes para escolher os actores (os de primeiro ou os de segundo plano) que deverão ser iluminados na ribalta.

Álvaro Cardoso Gomes

ENSAIO

MARCIA CAMARGOS

VILLA KYRIAL

CRÓNICA DA 'BELLE ÉPOQUE' PAULISTANA

Prefácio de Antonio Candido

São Paulo, Editora Senac / 2001

Se poucos méritos pode ter por ressuscitar um literato medíocre — cuja obra faz jus ao esquecimento em que jazia —, *Villa Kyrial: Crónica da* Belle Époque *Paulistana* vale pelo trabalho de pesquisa que Marcia Camargos realizou para traçar o retrato do tempo perdido em que os escritores e artistas de São Paulo viviam em torno de dois ou três mecenas. O livro conta a história de José Freitas Valle, figura típica da Primeira República (1899-1930) que, manejando com mestria as relações pessoais e familiares, soube ocupar o espaço mais tarde relegado para o Estado: o de patrocinar a actividade cultural.

Nascido em 1870, Freitas Valle, filho de um pecuarista e comerciante bem sucedido, que triunfara na vida em Alegrete, no Rio Grande do Sul, era neto pelo lado paterno de um português estabelecido desde o começo do século XIX em Ilhabela, no litoral paulista. Aos 16 anos, foi para São Paulo estudar na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, onde teve como colegas de turma nada menos que três futuros presidentes da República — Washington Luis, Venceslau Brás e Delfim Moreira. Alicerçando ainda mais o futuro, casou-se, aos 22 anos, com Antonieta Egídio de Sousa, moça bem-nascida, irmã de Euclides, pai de Osvaldo Aranha, futuro ministro do governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Embora tenha sido sempre advogado obscuro e professor de Francês no Ginásio do Estado, Freitas Valle ocupou cargos políticos ligados à cultura e soube consolidar em breves anos uma posição na elite paulistana. Em 1904, com dinheiro herdado do pai, comprou uma chácara com palacete no bairro de Vila Mariana, em São Paulo, a qual rebaptizou como «Villa Kyrial». Intelectual típico do período, organizou conferências na própria casa, reunindo em aparente cordialidade escritores que frequentemente travavam polémicas na imprensa. Fruto de uma época em que a elite, com